

## capítulo primeiro

O meu pai nunca me deixou entrar aqui. Devia sentar-se na cadeira de baloiço e olhar do postigo o jardim lá em baixo, o portão, a rua, eu pequena a brincar às fadas com a minha irmã no rebordo do lago. Aos domingos abria a gaveta da cómoda, remexia papéis até escutarmos o tilintar da argola, subia as escadas do sótão a procurar a chave no meio das outras chaves

(tal como hoje, agora que ninguém me proíbe, abri a gaveta, remexi papéis até escutar o tilintar da argola e subi as escadas a procurar a chave no meio das outras chaves)

e ficava horas seguidas na cadeira de baloiço

(entendo neste momento que era a cadeira de baloiço pelo ruído das molas)

a olhar do postigo o jardim lá em baixo, o portão, a rua, eu a brincar às fadas com a minha irmã no rebordo do lago

não, não acredito que se interessasse pela rua ou por nós, pela rua não se interessava nunca e quanto a nós o mais que nos oferecia era um aborrecimento mudo, a minha mãe mostrava-lhe os boletins do colégio e ele recusava-os com as costas da mão, fazíamos-lhe perguntas e continuava a mastigar, mudavam-nos o penteado e não reparava sequer, uma tarde, durante a lição de piano

a professora voltava a página da música

Para a Zé  
que há-de encontrar maneira de ler este livro.

*No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra achava-se vazia, as trevas cobriam o abismo e o vento de Deus girava sobre as águas. Então Deus disse "Exista a luz" e assim se cumpriu. Deus viu que a luz era boa, apartou-a das trevas, chamou à luz "dia" e às trevas "noite". Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.*

capítulo primeiro

O meu pai nunca me deixou entrar aqui. Devia sentar-se na cadeira de baloiço e olhar do postigo o jardim lá em baixo, o portão, a rua, eu pequena a brincar às fadas com a minha irmã no rebordo do lago. Aos domingos abria a gaveta da cómoda, remexia papéis até escutarmos o tilintar da argola, subia as escadas do sótão a procurar a chave no meio das outras chaves

(tal como hoje, agora que ninguém me proíbe, abri a gaveta, remexi papéis até escutar o tilintar da argola e subi as escadas a procurar a chave no meio das outras chaves)

e ficava horas seguidas na cadeira de baloiço

(entendo neste momento que era a cadeira de baloiço pelo ruído das molas)

a olhar do postigo o jardim lá em baixo, o portão, a rua, eu a brincar às fadas com a minha irmã no rebordo do lago

não, não acredito que se interessasse pela rua ou por nós, pela rua não se interessava nunca e quanto a nós o mais que nos oferecia era um aborrecimento mudo, a minha mãe mostrava-lhe os boletins do colégio e ele recusava-os com as costas da mão, fazíamos-lhe perguntas e continuava a mastigar, mudavam-nos o penteado e não reparava sequer, uma tarde, durante a lição de piano

a professora voltava a página da música

senti qualquer coisa atrás de mim, virei-me no banco com um dicionário em cima para chegar às notas e ao dar com ele na ombreira a cara ficou logo séria e desapareceu com tanta pressa no corredor que tombou a jarra do tremó

lembro-me dos dedos aflitos a endireitarem a jarra, do napperon fora do sítio, do trote zangado consigo mesmo na direcção do escritório, de ralhar com o advogado que o esperava, a ensaboar as palmas em vénias respeitosas

– Para a quantidade de dinheiro que lhe pago não tem nada que fazer pois não?

durante dias pareceu-me que se envergonhava de mim como se envergonhava das visitas no hospital, deitado com aqueles aparelhos e aqueles tubos todos sem poder mandar em ninguém, a minha mãe pedia desculpa às visitas junto ao elevador aceitando os ramos de cravos, as caixas de chocolates, os livros de pintura que ele recusava com as costas da mão

não eram boletins do colégio pai

– Anda tão impaciente dos tratamentos coitado não reparem

a minha mãe que continuava a desculpar-se para o elevador fechado onde os andares diminuía quatro três dois um ao mesmo tempo que o botão de chamada se acendia e apagava em silêncio

– Tenho a certeza que ele vai ficar contentíssimo com os chocolates é tão guloso

os ramos e os livros escorregavam-lhe dos braços, erguia o joelho a impedir que uma embalagem de bombons caísse ao chão

– O que faço com isto?

de súbito tão velha, quarenta e dois ou quarenta e três anos acho eu, multiplicando-se a segurar embrulhos com vida própria que não paravam de descer

– Meu Deus Maria Clara Ana Maria

e se nos escapavam também, idiotas e moles, a empregada da enfermaria entornava-os num saco de plástico

– Tome lá

o doente de roupão e canadianas que fumava às escondidas na copa e saía a tossir, sufocado, escarlate, a guardar o cachimbo num nevoeiro azul, suspendia-se a observar-nos, se eu fosse fada dava um toque de varinha e pronto, o meu pai não ocupava aquele quarto, arredava a cortina que tapava as escadas do sótão e instalava-se na cadeira de baloiço no meio do pó, dos armários e das arcas, às vezes uma hora, às vezes duas, às vezes a tarde inteira, uniformes, retratos de militares a cavalo, chapéus da minha avó em cilindros com rótulos franceses

senhoras elegantes de perfil em fundo malva

a minha avó que saía todos os dias às ocultas, a seguir ao almoço, de boininha ridícula no cocuruto, a bolsa de retrós e as suas jóias falsas, para jogar na roleta do Casino, vendeu os brincos e os colares autênticos ao homem dos penhores

uma espécie de congro atrás de um balcão gradeado, os dedos torcidos de reumático esperavam uma eternidade enquanto a boca falava, a minha avó

– Tão pouco?

e a seguir avançavam de repente e colhiam as pérolas

havia imensos relógios na loja garantindo horas mais felizes, alianças baratas e prateleiras com objectos a que faltava tinta, doirados ou de cobre como as criadas gostam, através dos quais uma gata clandestina passeava com desdém a meticulosidade das patas

a boininha ridícula chegava ao Casino antes da abertura e encostava-se à palmeira a extrair da bolsa de retrós um par de notas amassadas, as gavotas, não muitas, as mesmas desde o princípio do mundo, iam e vinham entre o Tamariz e os barcos, o porteiro chamava-a com o dedo em gancho, a troçá-la

– Faça favor condessa

a minha avó aninhava-se numa esquina de mesa com meia dúzia de fichas avarentas sob os lustres imensos, apontava os números na palma, tentava uma aposta, desistia, resolvia-se, desistia outra vez

pode ser que o meu pai lograsse alcançá-la do postigo do sótão, não essa, a do lado, a criatura que mal acabava o dinheiro tentava impingir as jóias falsas no guichet lutando com as falanges

– Ametistas rubis

porquê um vestido gasto se não éramos pobres, porquê o broche na gola de raposa já sem raposa alguma, depenado de brilhantes, ao receberem visitas mandavam-na jantar na cozinha da casa que herdara do pai dela e onde dormia agora no quarto da costura, a seguir à despensa, com uma máquina avariada e cestos rotos que cheiravam a lixívia, um sábado, no mês em que lhe deu a embolia, ganhou no Casino, substituiu a boininha por uma capeline escarlate desmaiada pelos anos que devia conservar sob a cama na esperança de um triunfo assim, ao chegarmos à sala de jantar encontrámo-la à cabeceira no lugar do meu pai no lugar do pai dela

sem jóias de pacotilha, sem broche, sem raposa, a destinar os assentos do vértice da sua autoridade restaurada

– Tu aí tu à minha esquerda tu depois do meu genro tu em frente da Maria Clara

a regular as conversas, a desaprovar modos, a obrigar a passar melhor a carne e a temperar a salada, a comandar o pessoal com o sobrolho sem réplica, a minha mãe viajava de cara em cara a tentar compreender e encontrava narizes obedientes sepultados nos pratos, o meu pai domesticado sem protestar com nada

– Mamã

a fotografia do senhor general pendurava-se de novo na parede, a campainha de chamar as criadas, regressada

uma camponesa de touca com o badalo na saia

vibrava impaciências, a minha avó sem girar para a minha mãe a capeline imperiosa

– Esses ombros para trás e tem termos Amélia

as condecorações do senhor general aumentavam na estante, a estante

perdão, a estampa com o presidente Krüger, com o duque inglês, o meu pai sem importância fora da cabeceira, entre a Ana Maria e o cesto da fruta

– Bem podias ter casado com um homem mais apresentável Amélia

e no fim do jantar nozes, vinho do Porto, um bolo iluminado, o meu avô, vindo da Escola de Guerra, cruzava o passeio a namorá-la protegido pelo cotovelo no receio que o senhor general o distinguisse das sombras, o que lembro dele é um cego a jogar xadrez com o primo tenente, se calhava anoitecer no escritório não acendia a luz, ligávamos o interruptor e pulávamos de susto

um fantasma

ao vê-lo, uma coisa quieta no meio de coisas quietas, o médico a auscultar o meu pai

– Temos de operá-lo ao coração senhor doutor

e o meu pai mudando sem mudar, o que se alterou foi em torno quer dizer os prédios mais solenes no Estoril, os ruídos mais graves, uma seriedade estranha nas árvores, a minha mãe numa espécie de soluço de espanto e o meu pai sem que os lábios estremecessem sequer

– Espera no corredor Amélia

igualzinho ao meu avô no escritório sem acender a luz, o mesmo queixo empinado a indagar trevas que desconheciá-mos, as mesmas narinas procurando cheiros

– Quem entrou?

a mesma testa enrugada a escutar não sei quê, o meu pai igual ao meu avô diante das suas peças de xadrez invisíveis, para a Ana Maria, para mim

– Vocês também

uma mancha de lama num salto, as hastes dos óculos a fugirem das orelhas, a minha avó cortava o bolo iluminado a abanar a cabeça com desgosto da mancha

– Bem podias ter arranjado um homem mais apresentável Amélia

apresentável como o cadete da Escola de Guerra a cruzar o passeio antes de cegar em Espanha, tudo parado e nisto um grito no primeiro andar

– Xequemate Tomás

a torre que faltava substituída por um botão de pijama com um resto de fio nos buracos, assim que uma das torres saía do jogo guardava-se o botão na caixinha, um dedal no lugar do rei branco, o primo tenente a pensar na maneira de se enganar de propósito, o meu avô na direcção de ninguém, de mãos parecidas com as patas da gata dos penhores, contornando os peões e os bispos sem os derrubar

– É para hoje Tomás?

julgo que foi o primo quem morreu primeiro, morava num andarzito em Birre, guiaram-nos, à Ana e a mim, a um compartimento com pessoas caladas e flores sobre uma bandeira a servir de colcha mas quando foi do meu avô não me recordo, não me recordo sequer de faltar o tabuleiro de xadrez que encontrei hoje no sótão, esta manhã os enfermeiros entregaram ao meu pai uma camisa cor-de-rosa e levaram-no do quarto

– Não sou inválido nenhum para me estender nessa maca

a minha mãe entregou-lhe o estojo da dentadura postiça, o meu pai indignado a perceber que reparámos, a anestesista piscou o olho à minha mãe e o estojo sumiu-se na carteira

– Estúpida

antes de se transferir à socapa para o bolso da doutora, quando tiver a idade dele será que

sentir-me-ei repugnante também, diminuída, horrível? com nojo de mim e no entanto insistindo em disfarçar inchaços, defeitos, gorduras, pintar-me mais, tornar-me ruiva, usar laca e soutiens de arame, tentar decifrar o preço das coisas, sem óculos, mantendo as etiquetas à distância do braço

– Imprimiram mal os números experimenta tu Maria Clara isto é um oito ou um nove?

o meu pai descalço a acompanhar a maca, a porta do elevador cerrou-se num suspiro, a minha avó distribuiu uma fatia

de bolo a cada um de nós, ergueu o cálice de vinho do Porto num cumprimento circular, a empregada que a tratava por menina e vivia connosco desde antes de eu nascer aprovava no umbral, uma manhã chamou-me de parte e mostrou o tesoiro de uma moldura quebrada com elas duas novíssimas, ou o que a empregada jurava serem as duas, dissolvidas numa mancha castanha

– Olhe eu aqui a segurar o guarda-chuva da menina

vultos na mancha castanha, algo como uma blusa ou um carrapito ou uma nuvem, a empregada embrulhou a moldura numa página de jornal a fitar-me no receio que pudesse roubá-la, inclinou-se a ralhar com a própria coluna para a esconder nos lençóis, emprestava dinheiro à minha avó, seguia-a até à palmeira do Casino, preocupadíssima, agachava-se atrás dos automóveis, a fazer-se desconstrada, para a acompanhar a casa

– Ia a passar e vi-a

tentava resgatar-lhe as pérolas no balcão gradeado em troca do fio de ouro que tinha

– Tome o fio de sinal que eu escrevo para a terra e os meus sobrinhos mandam-me o resto é o colar da menina Margarida se a conhecesse há vinte anos entendia

a gata contornou uma santa de talha, empinou-se a olhá-la na sua paz aborrecida, espetou a cauda e acabou por desaparecer no meio dos relógios parados, um deles com o cuco de bico aberto na extremidade da mola, o congro devolveu-lhe o fio empurrando-o no balcão

– Isto não vale nada é lata

tinha quase a certeza que pedia esmola nos dias de saída para comprar as pérolas

e os restantes colares e os brincos e a pulseira de ágatas até a Ana me contar a rir-se que ela na esplanada do Tamariz a estender a mão aos turistas e a discursar acerca do senhor general e da menina, o senhor general que construiu caminhos-de-ferro em África e a menina tão boa, cheia de escravos, educada como uma marquesa, no momento em que se preparava para explicar a moldura quebrada

– Eu a segurar-lhe o guarda-chuva vejam  
o empregado ameaçou-a com a bandeja de trazer os  
cafés

– Vá pedir para a estação tiazinha  
era ela quem vedava com pedaços de pano as frinchas  
do quarto, colocava o quadrado de damasco na cama de ferro,  
lhe segurava a roupa com alfinetes, escovava a boininha, sere-  
nava as vaidades

– Ainda sou elegante não sou?  
aproximava o polegar e o indicador quase até juntá-los

– Não mudou nem isto menina  
lhe introduzia na bolsa cinco ou seis moedas, a minha  
mãe no topo dos degraus

– Adelaide

com vasos de begónias de cada lado do alpendre, da  
cadeira de baloiço do sótão não se distinguem os degraus nem  
o alpendre, apenas o jardim na face oposta ao mar, para quê  
sentar-se ali a remexer papéis no meio dos armários e das arcas,  
no hospital o parque de estacionamento e o viaduto da auto-  
estrada que sacudia os estores quando uma camioneta, a Ana e  
eu junto à cama vazia à espera que o médico regressasse, a Ana,  
com uma blusa que me roubou da cómoda, seguia um filme na  
televisão junto ao tecto, a minha mãe procurou o terço na car-  
teira e beijou a cruzinha

– Não tens vergonha de a ajudar no vício Adelaide?

os guardas que tomavam conta do meu pai fumavam  
encostados ao carro, o primo tenente dispunha as peças para o  
jogo seguinte, a Ana aumentou o som da televisão enquanto  
a minha mãe tornava a beijar a cruzinha do terço

– Essa blusa não é da tua irmã Ana Maria?

um guarda-fato com dois ou três cabides no varão, um  
sofá estampado que se desdobrava em divã, a empregada num  
derradeiro golpe de escova

(os olhos orgulhosos a contemplarem a boina, se lhe  
consentissem abria um guarda-chuva sobre a minha avó a pro-

regê-la do outono, devolvia-lhe o quarto do primeiro andar com  
o dossel e o psiché de engastes de bronze que os meus pais ocupa-  
vam, ressuscitava o senhor general e ninguém a apoucava)

– Vá-se embora menina vá-se embora

a minha avó trotava ao longo da praceta com a bolsa  
para a direita e para a esquerda, a Ana mudou de canal e um  
leão descosia uma zebra, mudou de canal e um bailado russo, a  
minha mãe a acariciar a cruzinha do terço

– O teu pai a ser operado e tu de televisão aos berros  
Ana Maria

frascos de soro, botijas de oxigénio a entrechocarem-se,  
alguém que prevenia

– A campainha do vinte e sete Helena

uma touca abriu a porta, espreitou, fechou a porta

– Desculpem

a Ana desligou a televisão, aproximou-se da janela, um  
dos guardas encostados ao automóvel acenou o cigarro e o peito  
da minha irmã cresceu na minha blusa, a boina sumiu-se a dar  
e dar na praceta, não tens vergonha de a ajudar no vício Adelaide,  
de a obrigares a empenhar o colar, a blusa ficava melhor na minha  
irmã que em mim, mais loira, mais cheia, o meu avó a deslocar  
o botão de pijama no tabuleiro

– E esta Tomás?

se procurávamos ajudá-lo a caminhar sacudia-nos o  
braço, deslocava-se no tapete em precauções de escaravelho a  
apreender a vibração dos móveis, se o beijávamos de manhã

– Olá avó

recuava num pulito incomodado, defendia a bochecha  
com as antenas

– Vamos lá vamos lá

agitava-se na poltrona num resto de susto e contudo se  
adoeciámos de anginas e ferviam seringas numa caçarola escutá-  
vamos-lhe o chumbo dos sapatos no nevoeiro da febre, o joelho  
contra um baú fora do sítio, o suspiro inquieto

– As pequenas?



demorando-se a farejar, especado, inútil, amparado ao umbral, a boca trémula de palavras mudas, as pálpebras defuntas a piscarem angústias, não existia um retrato dele fardado, uma medalha na vitrine, comia depois de nós, sozinho na sala de jantar, de guardanapo ao pescoço, para que não o víssemos sujar-se, entornar arroz e pedaços de carne, no caso de pressentir que o espiávamos esquecia a colher, girava a cabeça no sentido errado

– Vamos lá vamos lá

uma tarde trancou-se no cubículo que prolongava o escritório e quis matar-se com a pistola descarregada, premiu o gatilho vezes sem conta e nada, o primo tenente encontrou-o a examinar o carregador com os dedos difíceis numa espécie de sopro

– Não trabalha

a minha avó a gastar jóias falsas no Casino, a minha mãe e o meu pai imóveis, a sombra dos peixes em vénias no terraço, frutos de tordos entre as folhas, os olhos do primo tenente rosados, esquisitos, pedindo aos meus pais que se fossem embora, o entusiasmo sem alegria alguma

– Esqueceste que temos uma partida de xadrez para acabar Hernâni

o revólver pesado de ferrugem na escrivaninha dos papéis do talho, das lâmpadas fundidas e das maçanetas de loiça, a minha mãe, que saltava as contas do terço, notou os guardas no parque de estacionamento, fechou a cortina e o peito da minha irmã diminuiu, temos de operá-lo ao coração minha senhora

– Espera só que o teu pai melhore Ana Maria

e em lugar de ralhar-te se instale aos domingos no meio do pó, dos armários e das arcas enquanto escutamos no tecto os gemidos das molas, a mancha de lama no sapato tornava-o mais frágil, mais parecido na miséria com a minha avó, talvez o sofrimento não passe de uma boininha cómica na direcção da roleta, de um tacão sujo ou de uma cama de hospital sem ninguém, daqui a nada a anestesista e o cirurgião enquanto o peito da

minha irmã tornava a dilatar-se, os quadros do quarto de repente graves, galgar as escadas para o sótão antes que as visitas chegassem e não falar a ninguém, quando foi da embolia da minha avó chamaram-nos do Casino

– Temos aqui uma velha que mora nessa casa

em pequena deixavam-me dormir com ela na cama do dossel, a Adelaide trazia-nos chá quente com um pingo de anis, mal o bebia uma exaltação de calor dentro de mim, ímpetos de tosse, sufocações, gargalhadinhas que não me pertenciam, o corpo impreciso num rodopio de lençóis, a Adelaide impedia-me de cair e ajudava a minha avó a domesticar o cabelo com o pente de cabo de prata substituído por um pedaço de pau, se nos colocassem lado a lado diante do espelho éramos do mesmo tamanho mas o espelho dançava também, um pedaço de jardim surgiu e foi-se embora, o tanque de lavar roupa que não cessava de pingar formava um charcozito junto ao muro onde se reflectiam frascos de perfume vazios, embalagens de rouge vazias, batons vazios, tudo ao meu alcance e sem lograr tocar-lhe, a Adelaide formava um carrapito com as madeixas da minha avó

– Não mudou nem isto menina

fios de estopa que se pegavam aos dedos, pêlos postiços de boneca, uma atmosfera de fundo de despensa feita dos cheiros ácidos e doces das coisas remotas, o apartamento do primo tenente, sobre o café de Birre, era assim, nenhuma gaivota, só cegonhas e laranjas em março, a minha mãe olhava a poltrona escorada pela lista telefónica sem se atrever a sentar-se

– Estamos atrasadíssimas desculpe

as sobancelhas do primo tenente, desiludidas, escoregavam na cara, via-nos sair de bandeja de refrescos nos braços, o gerente do Casino

– Pifou-nos aqui uma velha que mora nessa casa

vergada na mesa de jogo de boina na cabeça, as jóias falsas mais exageradas que nunca, a minha mãe procurou os óculos e dobrou-se para a minha avó como se lhe custasse reconhecê-la

– Assim de repente dá-me ideia de uma mulherzinha que temos lá por esmola

calando a Adelaide em soslaios ferozes, a Ana compunha a franja e a saia dela subiu, havia agora uma padiola e bombeiros ajeitando a minha avó na padiola, a boininha rolou na alcatifa, o primo tenente em Birre, com os seus refrescos intactos, colocava uma metade de limão em cada copo e a pasta de açúcar acumulava-se na base, a empregada avançou um passo atarantado e a minha mãe tornou-a em pedra num murmúrio

– Adelaide

se um dos tornozelos não sobrasse da manta não era a minha avó, era um pedaço de tecido ruço com qualquer coisa por baixo, transportaram-na pela saída dos fornecedores atravancada de caixotes de bebidas, quando o condutor dos bombeiros se aproximou a ajudar e dois cachorros se pegaram no pátio a roupa da minha irmã diminuiu um palmo, o gerente afigurou-se-me mais idoso na rua

os vincos do pescoço, os vincos da nuca  
sem o véu indulgente dos brilhos, a banda do smoking necessitava de goma, a minha mãe a apontar a boininha

– Nunca calculei que deixassem pessoas como esta frequentar casinos

o funeral à socapa numa aldeia espremida contra as faldas de Sintra, o padre, a minha mãe e nós, meia dúzia de jazigos, meia dúzia de camponesas à deriva entre as lápides, um rapaz a plantar couves num ângulo de muro, a carreta sacudia-se nos calhaus da vereda, rebanhos, cardos, moinhos, o mar muito longe nas dunas do Guincho, pela primeira vez o meu pai no postigo do sótão a olhar-nos, ao chamar a minha mãe o postigo deserto, brandimos a campainha do almoço e não desceu as escadas, somente passos ao comprido do tecto, tive medo que a minha avó aparecesse em cada esquina da casa a tirar notas amassadas da bolsa de retrós

– O que quiseses Clarinha não faças cerimónia  
suponho que a Adelaide a visitava no cemitério por fechar o portão devagarinho depois de andar pelo jardim a

arrancar goivos, víamo-la na paragem do autocarro com o guarda-chuva da menina aberto, não a proteger-se do outono mas a cobrir uma pessoa que não havia, passados meses entregou à minha mãe o colar de pérolas

– Comprei-o minha senhora tome

não menina, minha senhora, o colar num envelope de papel de seda

– Tome

não por amizade nem por consideração, por vingança (disse a minha mãe)

para manter a menina viva

(acho eu)

a filha do senhor general tão importante em África, a lembrança do duque inglês nos quinze anos da menina, a esposa do senhor general a ajoelhar diante da alteza, comovida

– Senhor duque

a Adelaide deve ter levado séculos a juntar o dinheiro

– Tome

a escrever à família, a pedinchar na esplanada, a enxotarem-na para a estação

– Tiazinha

a varrerem-na da estação

– Não incomode os turistas tiazinha

o colar de duas voltas com um fecho de coral, a minha mãe sem lhe tocar

– O que é isto?

não menina, minha senhora, nunca vi tanto terror nos olhos dela

– O que é isto?

o terror a desvanecer-se à medida que examinava o envelope, o pesava, o riscava com a unha

– Enganaram-te Adelaide é uma imitação de pataco

o meu pai espreitou do sofá por cima do livro, cuidei que fosse falar e não falou, que odiasse a minha mãe e no entanto não pude dar-me conta da sua expressão dado que nesse

instante o médico entrou no quarto, a bata verde que eu esperava, a gravidade que eu esperava, a Ana desta feita a diminuir de tamanho, o terror dela também, a Adelaide não nos tratava por menina nem por senhora, não nos tratava por nada, se conseguisse não reparar em nós, se conseguisse que não existíssemos, a minha mãe a beijar a cruzinha do terço, não pude dar-me conta da expressão do meu pai porque o médico garantia à minha mãe que o seu marido está óptimo, muitos parabéns, dentro de uma semana no máximo já o tem em casa novinho em folha, a boca ergueu-se da cruzinha do terço, a cama já não era um caixão, eram almofadas e lençóis à espera, a minha mãe devolveu as pérolas à Adelaide e o papel de seda crepitou no bolso do avental, não sei porquê julguei que ia chorar e não chorei, a cadeira tornou a baloiçar na pintura do tecto, a minha irmã e eu brincávamos às fadas no rebordo do lago e era engraçado como

(mesmo sem palavras mágicas)

ao primeiro gesto da varinha de condão

(um pedaço de cana com uma estrela na ponta)

deixaram de existir doenças, agonias, hospitais, mortes e ficou tudo bem, tudo bem, tudo bem graças a Deus, ficou tudo bem para sempre.

## capítulo segundo

Imagino assim: o elevador a abrir-se um andar abaixo, onde ficam as salas de operações como vi escrito no átrio

Piso 1: Consultas Externas

Piso 2: Cuidados Intensivos

Piso 3: Cirurgia

o meu pai descalço, de camisa cor-de-rosa pelos joelhos, a caminhar diante da maca indiferente aos enfermeiros, a ultrapassar guarda-ventos com o letreiro Proibida a Entrada, e depois prefiro não imaginar o que quer que seja nem sequer a anestesista a tirar-lhe a dentadura e o meu pai por um cantinho dos lábios, deitado na marquesa

(- É um bocado mais difícil substituir-lhe a válvula com o senhor doutor de pé)

o meu pai que cerrava a boca com força

- Largue-me

envergonhado da ausência de queixo e da nudez das gengivas

(pareço-me com a minha morte sem isto)

tal como durante anos batalhou com a calvície, loções, cremes, esperanças, ampolas e desânimos, a risca a baixar mês a mês na direcção da orelha, a anestesista só olhos entre a touca e a máscara a protestar